



Revista Careta: a relação entre fotografia e legenda¹

Luciane Caldi d’Ornellas Carvalho (Universidade Federal de Juiz de Fora)²
Prof. Dr. Jorge Carlos Felz Ferreira (Universidade Federal de Juiz de Fora)³

Resumo

As primeiras fotografias informativas começaram a aparecer a partir do princípio do século XX no Brasil. No país, a expansão do recurso foi tardia se comparada com a Europa que aconteceu cerca de 20 anos antes. Durante esses primórdios, se analisarmos com base no conhecimento das fotos impressas nos jornais atuais, a legenda era algo que deixava a desejar. Quase nunca funcionava como um acréscimo de informação e sim como mera descrição ou apontamentos de nomes de personagens importantes da época. Para o estudo, foi observado o período entre 1908 e 1914 da *Revista Careta*. O foco dessa parte do estudo é a análise das legendas e dos textos-legendas junto às fotografias.

Palavras-chave

Fotografia; texto-legenda; legenda; Revista Careta.

Introdução

Este trabalho é o segundo artigo da pesquisa científica “Fotografias de Imprensa e Memória: imagens fotojornalísticas, temporalidade e memórias construídas”. No primeiro, discutimos e analisamos a função narrativa das fotografias, a forma como a disposição nas páginas formava um processo lógico de uma história na interpretação do leitor. Neste segundo, vamos analisar e refletir sobre a função da legenda e sua capacidade ou não de acrescentar valor, informação e conhecimento à foto. Vale ressaltar que a *Revista Careta* é documento de registro da época em que ela circulou no Rio de Janeiro.

Não importa se você mora no Japão, na Colômbia ou na Austrália. Com acesso à internet, à televisão e aos jornais impressos é possível ver todo o mundo através da

¹ Trabalho apresentado no DT1 de Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05/07/2013

² Estudante do oitavo período de Comunicação Social da UFJF, e-mail: lucianedornellas@gmail.com

³ Orientador do trabalho: professor do curso de Comunicação Social da UFJF, e-mail: jorgefelz@gmail.com



imagem. Ela torna a informação acessível e leva os acontecimentos aos cidadãos, sem que eles precisem ir até a ocorrência dos fatos.

Ver o mundo pelas fotografias. Ou ver o mundo por uma grande foto. É assim que milhões de pessoas com acesso à leitura de jornais, em todos os quadrantes do Planeta, amanhecem todos os dias. Elas são apresentadas aos fatos mais relevantes acontecidos no dia anterior por meio de uma grande foto (...) (FORNI, João José, 2005, p.2).

Jornalisticamente a fotografia já tinha grande importância desde o seu início, no século XX. Não era comum encontrá-las com grande destaque em capas de revistas e jornais impressos, por exemplo, mas ainda sim elas já passavam por uma seleção dos veículos. Da mesma maneira que o editor do jornal escolhe uma reportagem/notícia, ele passa a escolher a fotografia com base em critérios preestabelecidos.

Os textos dos jornais eram massivos e por isso começou-se a pensar a respeito de um novo posicionamento ou destaque para a foto nas matérias. Segundo João José Forni (2005), a decisão sobre qual foto colocar no jornal não era arbitrária.

Inúmeros elementos são levados em conta para que essa foto seja escolhida. Pode parecer, à primeira vista, principalmente, para os poucos familiarizados, que, pela dinâmica da imprensa, trabalhando sob pressão, contra o tempo e a reboque dos acontecimentos, as escolhas possam ser aleatórias, pouco criteriosas, atendendo mais à disponibilidade e à pressão da indústria na mídia, do que dos preceitos editoriais de uma boa ilustração. (FORNI, João José, 2005, p.10).

Enquanto a expansão da fotografia nos impressos europeus começa nos anos de 1880, no Brasil o contato com a novidade se iniciou apenas no início do século XX. Esse atraso deve-se à falta de tecnologias necessárias. As fotos só começaram a ser impressas 30 anos depois da descoberta de sua possível fixação. O recurso fotográfico passa a ser reconhecido como uma forma de memorizar os fatos definitivamente, eternizar o momento.

No início, as imagens eram impressas na forma de charges e ilustrações. Os jornais refletiam o momento sociopolítico da época. Durante a transição do século XIX para o XX, os cidadãos passaram a sair de suas casas em áreas rurais e se mudaram para as cidades com a perspectiva de uma vida melhor. Com isso houve um aumento da atividade industrial, surgem novas tecnologias e há um crescimento demográfico. Se



antes o que se ouvia era o silêncio, passaram a ouvir os ruídos das máquinas, das fábricas, de carros e do comércio.

Contexto histórico

Criada em 1908 por Jorge Schimdt, a *Revista Careta* tinha o foco em ironias e críticas políticas. O cartunista J. Carlos trabalhou como diretor artístico do veículo até 1921. As fotografias, os textos, o humor e as charges guardam crônicas reais da cidade do Rio de Janeiro, de outras cidades do estado e de cidade importantes da época. Sua publicação terminou em novembro de 1960, ela permaneceu cerca de 50 anos no mercado. Hoje é possível encontrá-la no acervo digital da Biblioteca Nacional. Predominantemente, a revista publicava imagens da vida moderna, do cotidiano, de momentos comemorativos do país e de eventos da alta sociedade.

A revista circulou no país em um importante momento histórico que a possibilitou ter contato com a Modernidade e com o Estado Novo de Getúlio Vargas.

Na primeira metade do século XX esteve presente a modernidade, uma época marcada pela ruptura com o tradicional e pela consolidação da razão. Fatores que tiveram repercussão, além de filosófica, cultural e social no Ocidente.

O período vem ligado à Revolução Industrial e ao capitalismo, além da migração campo-cidade. Essa migração e a evolução tecnológica proporcionou o surgimento de contrastes sociais. Os donos das fábricas se enriqueciam enquanto o proletariado trabalhava e enfrentava a miséria e o analfabetismo, que privava de oportunidades.

No início do século XX houve um avanço tecnológico que permitiu o contato com países e cidades distantes, o que acabou por fazer com que a sociedade se distanciasse daquilo tomado como ultrapassado e caduco.

A modernidade, tal como ocorreu, foi fruto do mal-estar da civilização europeia, de sua irracionalidade política, travestida em guerras continentais, cujos horrores culminam em 1914 e 1939. (...) Pois bem, a modernidade quebra com a linha de desenvolvimento clássico, porque introduz na civilização ocidental o gosto pela emoção, pelo movimento, pela revolução. Mais que isto, significa a expansão mesma da noção de civilização para além do Ocidente, incorporando elementos de outros povos e, no limite, incluindo esses mesmos povos enquanto criadores de civilização. (GUIMARÃES, 2002).



O *Estado Novo* de Getúlio Vargas foi outro grande momento simultâneo à existência da *Revista Careta*. Implantado em 1937, o regime político tinha como justificativa a tentativa de conter uma suposta ameaça de golpe comunista. Como solução, foi redigida uma nova constituição, baseada nas constituições fascista italiana e polonesa. O regime foi marcado pelo anticomunismo, pelo nacionalismo, pelo autoritarismo e pela centralização do poder e se estendeu até 1945, quando a saída de Getúlio Vargas se tornou inevitável e inadiável. Ele aceitou a deposição, liderada por militares. “Getúlio Vargas dá um autogolpe em 1937 e implanta o Estado Novo, um regime totalitário no Brasil semelhante ao fascismo italiano, também chamado de getulismo.” (GEORGE, Michael, 2008). A importância de acontecimentos políticos como os citados, é capaz de refletir no fazer jornalístico. No caso do presente estudo, nas fotografias. Os profissionais tentam passar a realidade da forma mais próxima possível através da câmera, independente do fato, seja ele de cunho político, social, cultural ou econômico.

As legendas

Quando pensamos em uma definição para fotojornalismo nos deparamos com uma questão complexa, já que existem inúmeras opiniões e pontos de vista de diferentes fotógrafos de diferentes regiões. As fotografias jornalísticas são elementos privilegiados porque permitem a fixação de conteúdos e de informação na imaginação do leitor, com um enorme poder de persuasão. São consideradas fotografias que induzem o leitor a viver a notícia. Marques de Melo (1972) afirma a importância da fotografia como gênero ao jornalismo, considerando a importância da imagem nas revistas semanais. Para ele, as fotografias possuem um forte e importante papel interpretativo, uma vez que, em alguns momentos, determinadas fotografias são utilizadas como recursos de retenção e interpretação de mensagens. A fotografia pode aparecer e variar conforme a ênfase atribuída a um texto ou a imagem em questão. Há alguns casos, em que a fotografia utilizada nesses meios de comunicação aparece como simples ornamento ou ilustração, para autenticar a notícia, fazendo com que o público leitor possa verificar a autenticidade dos fatos relatados.

Mas o fotojornalismo não pode ser definido apenas como “objeto de apoio”. Pois a mesma fotografia destinada à publicação nos meios de comunicação impressos,



principalmente nos jornais, partilham de uma comunhão com os vários fatores fotográficos. Assim, definir o que seria o fotojornalismo é complexo. No presente artigo, vamos pensar em fotojornalismo como processo de construção de sentido nos veículos impressos brasileiros, no caso, na *Revista Careta*. Vamos explorar características da linguagem não só da própria fotografia e da narrativa que ela é capaz de imprimir com uma sequência de fotos, como também da legenda, nas suas diferentes inserções nos contextos sociais da época de veiculação da revista.

Este artigo mostra uma análise da imagem-legenda em seus primórdios no Brasil. Para tal, será apresentada a linguagem da fotorreportagem nos casos analisados da *Revista Careta* no período de 1908 a 1914. No princípio da veiculação da revista impressa, os leitores se deparam com a grande novidade: a fotografia. A massiva quantidade de charges aos poucos se mistura com a linguagem fotográfica. A fotolegenda chega inovando e começa a narrar os fatos e histórias de uma forma diferente. O novo elemento gráfico que passa a fazer parte da diagramação dos jornais, inicialmente, traz a impressão de que consegue falar por si só, sem a necessidade de grandes textos explicativos.

As fontes e suas falas, os personagens fotográficos e suas ações, deixam clara a existência de um processo narrativo dinâmico e polifônico no qual se inserem os ‘narradores oficiais’ do jornalismo. Há no jornal uma narrativa, não há como negar. Mas essa narrativa compõe-se da materialização de várias outras formas de se narrar e se ver o mundo. Os acontecimentos para os quais se volta a prática jornalística encontram-se (des)organizadamente dispostos na realidade social, mas não são vazios de sentido. Eles incorporam formas e visões de mundo; corporificam tempos e espaços que lhes são também, como ‘narrador profissional’, faz convergir para uma esfera de comunicação especializada uma série de elementos já dispostos na trama comunicativa do cotidiano. (TAVARES, VAZ, 2005).

Com base no trecho acima, podemos interpretar que um fato depende de uma série de fatores para se tornar uma notícia completa, ou seja, uma notícia que se faz entender pelo que está escrito no texto, na legenda, o que está mostrado na foto e o que está na fala de cada personagem da matéria. Parte da dificuldade de análise da *Revista Careta* está no fato de que, na época, os jornalistas realmente acreditavam que a fotografia “falava por si só”. Acreditava-se que a imagem era capaz de passar toda a informação. Muitas das fotografias da análise tinham apenas uma frase como legenda,

uma frase para um conjunto de fotografias. Posteriormente veremos os problemas que isso acarreta para este artigo.

O conjunto fotografia e legenda buscavam e ainda buscam direcionar a interpretação do leitor.

Fotografias que chegavam à redação do periódico, eram as mesmas passadas ao “artista gravador”, que tratava de interpretá-las e até mesmo dramatiza-las, se fosse o caso, adaptando-as dessa maneira ao gosto popular, ao perfil de seus leitores, além de transmitir a notícia de acordo com os objetivos editoriais. (ANDRADE, 2004, p.63)

A união entre os elementos gráficos (fotos) e textuais (legendas) permite a incorporação desses dois elementos de modo que parece ser o relato da realidade. No caso da *Revista Careta*, os elementos textuais ligados às fotos, fossem eles legendas ou títulos ou qualquer outro elemento que surgisse, como gravatas, janelas e chapéus, esses três últimos mais raros, davam ao leitor uma breve ideia do que se tratava a fotografia e davam a impressão de que só pela observação do elemento fotográfico era possível entender o que se queria noticiar. Como aponta do texto de Frederico Tavares e Paulo Vaz, os elementos textuais que acompanham as fotografias têm função de direcionar o olhar do leitor. Ou ainda

(...) eles funcionam como ‘pílulas de rápido efeito’ das imagens e possuem todos uma função de legendar as imagens, ou seja, identificam, qualificam, situam, nomeiam, explicam, interpretam, mas principalmente direcionam a forma como o leitor deve olhar e interpretar a imagem (CAMARGO, 2005).

Para Heloíse Costa, de modo prático geral, podemos observar que quando estamos com algum veículo impresso nas mãos fazemos três movimentos: primeiro nosso olhar percorre a imagem na tentativa de um entendimento imediato; em seguida lemos os textos ligados à imagem, como a legendas, por exemplo, na intenção de buscarmos complementar a percepção inicial; e por último voltamos os olhos novamente para a imagem com o objetivo de concluir a interpretação. Cabe a nós demarcar a apreensão da fotografia.

A linguagem fotográfica é potencialmente ambígua, o que equivale dizer que uma foto isolada não permite uma inteligibilidade total imediata, sendo passível de múltiplas apropriações. A legenda é uma

das apropriações possíveis, podendo ser contraditória à interpretação inicial do leitor e até mesmo a do fotógrafo. (COSTA, Heloíse, 2000, p.89).

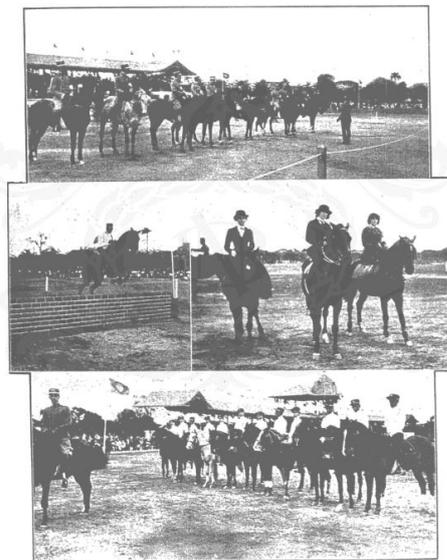
Análise de fotografias e legendas: *Revista Careta*

Antes de iniciar o processo de análise vale lembrar que as revistas ilustradas, como era o caso da *Revista Careta*, tinham temáticas voltadas para o público de perfil burguês. Na época de sua veiculação o proletariado era mero coadjuvante no cenário social. Para o presente trabalho foram escolhidas cinco sequências de imagens para análise.

A primeira sequência analisada trata-se de quatro fotos que ocupam uma página inteira. Foi publicada na 274^a edição, no dia 30 de agosto de 1913. A sequência está na página 17. Confirmando o que foi dito sobre a sociedade burguesa, a sequência de fotografias mostra pessoas da alta sociedade. Quando pessoas importantes aparecem nas páginas da revista, geralmente são nomeadas ou têm seus rostos estampados nas fotografias, são pessoas que realmente aparecem. Ao contrário do que veremos a frente, quando pessoas pobres apenas são mostradas em conjunto, sem nomes e sem destaques na imagem.

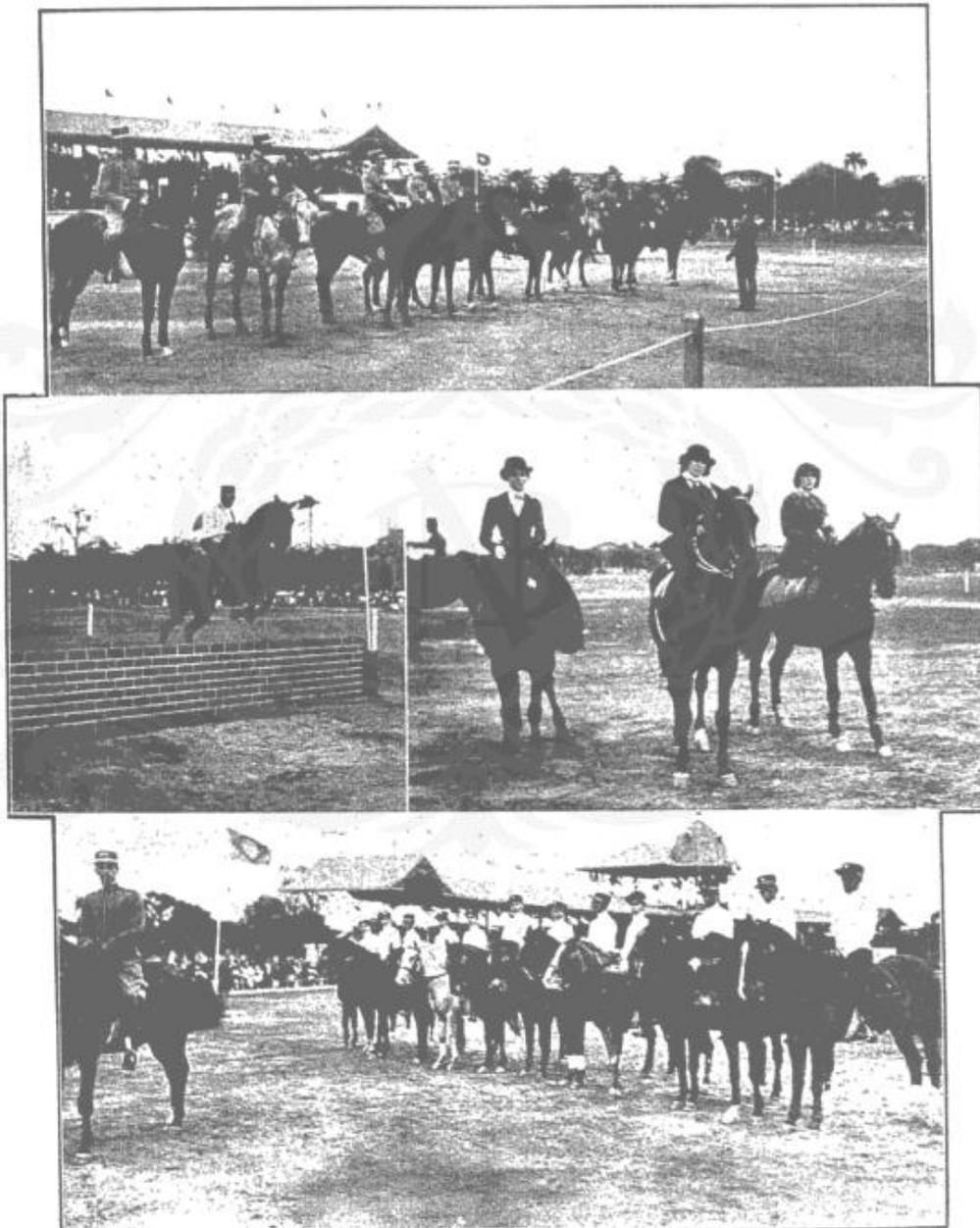
Nesta sequência percebemos que, apesar de haver uma legenda para cada foto, estas dão apenas um breve parecer de cada imagem. Além disso, não há nenhum outro texto complementar que oriente o leitor da revista, apenas as pequenas legendas e as fotos.

Concurso Híppico



I – Concorrentes à 3ª prova de Equitação. II – Percorso de saltos para os alunos do Colégio Militar.
III – Senhoras que disputaram o concurso de sela de montar a Amazonas.
IV – Concorrentes do Colégio Militar.

Concurso Hyppico



*I — Concorrentes à 3ª prova de Equitação. II — Percorso de saltos para os alunos do Collegio Militar.
III — Senhoras que disputaram o concurso de sella de montaria a Amazonas.
IV — Concorrentes do Collegio Militar.*

Na próxima sequência, do dia 27 de dezembro de 1913, última edição (291^a) do ano, temos outro exemplo de que a burguesia era privilegiada nas páginas das revistas. Na página 42 aparecem duas fotos da colação de grau de bacharéis de 1913. A primeira delas nomeia uma personalidade importante da época e o mostra em meio aos bacharéis e a segunda mostra as damas da alta sociedade bem vestidas presentes no evento. Mais uma vez as legendas não têm muito a acrescentar às fotos, mas são as únicas informações extras, já que não há nenhum outro texto que acrescente informações.



A próxima fotografia é da edição 318, do dia 25 de julho de 1914, ano final da análise do presente trabalho *Revista Careta*. A fotografia, localizada na página 20 mostra pessoas importantes da sociedade chegando de viagem. A legenda, neste caso, explica o que o Sr. Miguel Nascimento, personagem da fotografia, foi fazer na Europa. É possível entender e interpretar a partir da legenda, porém, esse tipo de texto não é recorrente na revista, a grande maioria das legendas são somente descritivas e muito pouco explicativas.



A próxima fotografia é do dia 12 de janeiro de 1914, edição 293. Ela mostra o que já foi mencionado acima: pessoas com pouca expressão e importância social não têm visibilidade na revista. Não há nomes, apenas indicação do que se trata a foto.



A *Revista Careta* também veiculava fotografias do que estava acontecendo no mundo. Período de Primeira Guerra Mundial, a revista frequentemente mostrava fotos do momento. Na edição 338 do dia 12 de dezembro de 1913, na página 28, foram impressas quatro fotos da guerra na Turquia. Mais uma vez a legenda deixou a desejar: apenas uma legenda para as quatro fotos, indicando que se tratavam de tropas turcas.





Conclusão

As legendas raramente acrescentavam informações ao texto, apenas descreviam. Elas basicamente indicavam o local no qual a foto foi tirada e a personalidade presente na imagem, sem acrescentar explicações ao que era percebido através da observação. Raras vezes a fotografia vinha com um texto introdutório, ela vinha solta, como se fizesse a função do próprio texto, com informações e contextualização.

Apesar de muitas vezes deixar a desejar a fotografia-legenda, como era veiculada na *Revista Careta*, para a sociedade da época que estava inserida em um determinado momento social, econômico, político e cultural podia ser o suficiente, funcionando como uma micro reportagem.

Podemos afirmar, a partir da análise, que a imagem por si só é capaz de carregar um texto, porém nem sempre este texto é suficiente para explicar toda a complexidade da imagem.

Referências bibliográficas

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo: inoperância explicativa**. Artigo apresentado na Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, em 2003.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ARBEX, José Jr. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2005.

CAMARGO, Hertz. **Fotografia e legenda: sentidos do texto sincrético na mídia impressa**. Toledo:Revista Unioeste, 2011.

COSTA, Helouise. **Um olhar que aprisiona o outro**. *Revista Imagens*. Campinas: Unicamp, 2000.

FORNI, João José. **A foto do dia: ensaio sobre fotojornalismo e análise documentária**. Artigo Publicado na revista *Universitas//Comunicação*, Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, FASA, Vol. 3, n. 3. Brasília, 2005.



GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Intelectuais negros e modernidade no Brasil.** Trabalho publicado na ASPOCS. Caxambu, 2002.

TAVARES, Frederico; VAZ, Paulo. **Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão.** Porto Alegre: Revista FAMECOS, 2005.